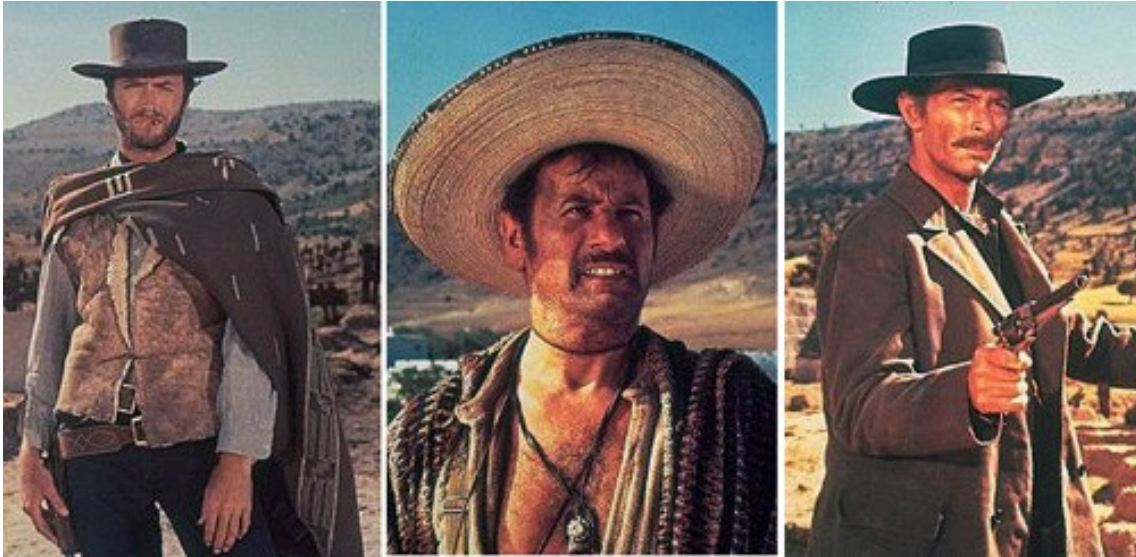


Il Buono, Il Brutto, Il Cattivo... Fechando com chave de ouro a Trilogia dos Dólares

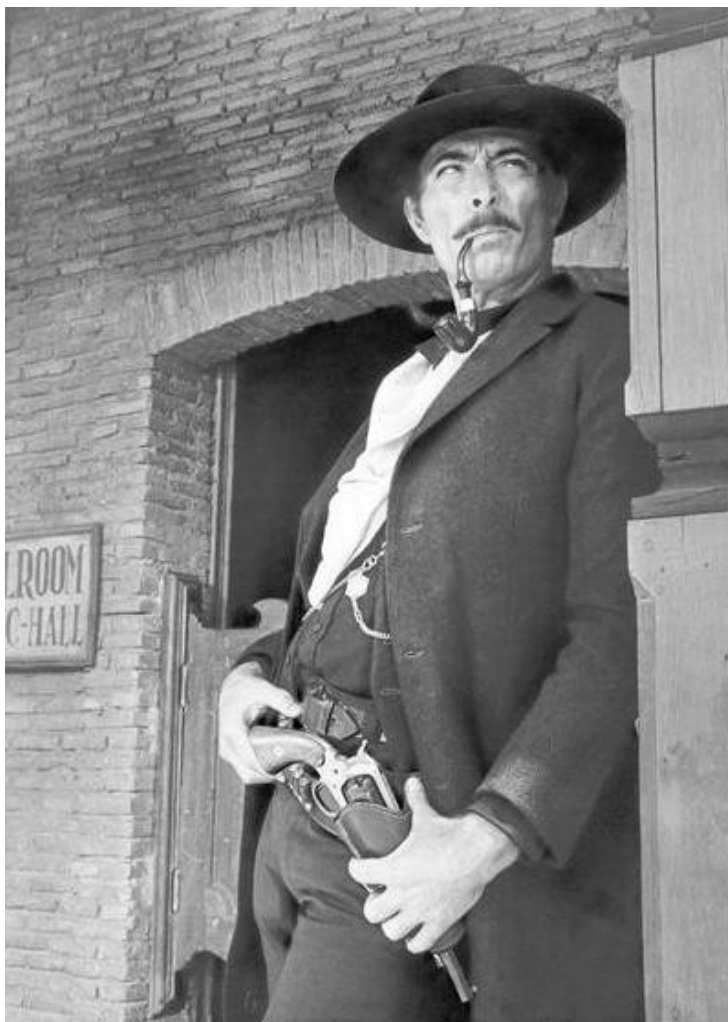
Em 1966, o diretor Sérgio Leone dirigiu o que seria o seu Western derradeiro: “Il Buono, Il Brutto, Il Cattivo” (“O Bom, O Mau e O Feio”), também conhecido no Brasil como “Três Homens em Conflito”. Em síntese, três homens que, apesar dos adjetivos do título, apresentavam variações quanto ao aspecto psicológico (dependendo da situação que lhes fosse mais favorável), estão atrás de US\$ 200.000,00 em ouro, escondidos em um túmulo no cemitério de Sad Hill, em uma das cidadezinhas mexicanas esquecidas pelo tempo. Tal fortuna foi escondida por um soldado, lá pelos fins da Guerra de Secessão Americana, que durou exatamente o mesmo período do mandato de Abraham Lincoln (1861-1865) que, ferido numa emboscada, aceita falar o lugar exato onde está enterrada a quantia em troca de água, apenas água, ao personagem Tuco – O Feio, interpretado de modo ímpar e impecável, por Eli Wallach (1915 -). Durante toda a trama, transcorre aquelas características que marcaram os westerns de Leone já descritas nos artigos anteriores: grande violência, torturas aos soldados capturados pelas tropas da União, tiroteios espetaculares, a trilha sonora marcante e mundialmente conhecida (independente da fama do filme), o estilo operístico, que atinge seu ápice nos três personagens. Aliás, para cada um dos três, na mesma sequência de notas musicais, um instrumento diferente, que, na audição dos mesmos, automaticamente associamos o temperamento dos personagens: na introdução do filme, quando surge O Bom, interpretado por Clint Eastwood (1930 -), chamado por Tuco de “Biondo” (“louro”), o instrumento usado na orquestra por Ennio Morricone (1928 -) foi a ocarina (pertencente à família dos sopros, com som agudo), que remete a um aspecto alegre, **bom**, simpático. O Mau, no papel do magnífico Lee Van Cleef (1925-1989), conhecido, na versão italiana como “Sentenza” (“Sentença”) e, na versão americana, como “Angel Eyes” (“Olhos de Anjo”, bem sarcástico), o instrumento foi o *arghilofono*, instrumento popular italiano feito de terracota, cujo timbre soa sinistro, maléfico. O Feio, no papel de Wallach, é caracterizado, sonoramente, por uma miscelânea de um coral masculino e feminino de certo modo dissonante, associado ao uivo de um coioote, dando um efeito escrachado, típico do personagem, cujas falas apresentam boa concentração de palavrões por metro quadrado! Fora isso, novamente o assobio antológico de Alessandro Alessandroni (1925 -) e os trompetes executados brilhantemente por Michele Lacerenza (1922 – 1989) e Francesco Catania. Ennio Morricone atingiu o clímax da música com o *Triello Finale*, onde, pela primeira vez num western, os três personagens-tema do filme fazem um duelo, ou melhor, um trielo. Nessa cena, a utilização de um órgão de igreja como fundo, com som bem baixo, na qual só os mais atentos conseguem assimilar, associado com percussões, corais e trompetes, forma uma espécie de ária, num concerto operístico sem precedentes.



Nesse filme, como algo inédito nos antecedentes da Trilogia, há uma trilha cantada denominada “La Storia di um Soldato”, com letra de Tommy Connor, cuja tradução, em síntese, remete aos efeitos devastadores da Guerra Civil Americana. O mais impressionante é que ela foi executada durante a cena de tortura de Tuco por um soldado da União, interpretado por Mario Brega (1923-1994), para que o restante dos prisioneiros não escutassem os gritos do prisioneiro. O mais interessante nessa cena, no que se refere à versão italiana e inglesa, é que, na italiana, o soldado que “rege” a orquestra de soldados cantores pronuncia em determinado momento: “Più forte” (“mais forte”) e, na versão inglesa, ouvimos: “More feeling” (“mais sentimento”). O “mais forte” era para aumentar o volume das vozes e instrumentos para que abafasse os ruídos torturantes. Por outro lado, “mais sentimento” expressava um “desejo” de melhoria na execução musical, algo que, a meu ver, não refletia a realidade. Talvez a versão inglesa quisesse amenizar, no espectador, a angústia de observar Tuco sendo torturado, perdendo dentes e quase ficando cego com os dedos do soldado sendo enterrados em seus olhos (não devemos esquecer, a Trilogia é uma “Ópera da Violência”). Mas tudo isso são conjecturas. A versão italiana, indubitavelmente, condiz com a realidade desejada por Leone.



Ainda em termos musicais, não podemos esquecer da cena em que Tuco corre pelo cemitério de Sad Hill, à procura do túmulo onde está escondida a fortuna. A cena, sem a música (chamada “Estasi dell’oro”), não apresenta quaisquer sentidos, ficando totalmente sem nexos. A música comanda toda a cena, fala em si pelas imagens, principalmente quando a câmera estaciona e observamos a imagem borrada de Tuco correndo loucamente.



Bem, há muito mais a ser discutido, mas assistir ao filme é a melhor forma de notarmos o ápice barroco, a música antológica, os close-ups fulminantes, as cenas estáticas representando as características psicológicas dos personagens principais. Dessa forma, Leone queria que esse filme fosse seu último western, pois teria esgotado o tema. Todavia, ele queria iniciar um filme contando a história da América (realizado de 1972 a 1984, denominado “Era uma Vez a América”), mas os produtores americanos só aceitaram financiá-lo se Leone fizesse outro western em território americano. Assim, em 1968, Leone dirigiu “C’era Una Volta Il West” (“Era uma vez o Oeste”), iniciando a chamada “Trilogia da América”, que será tema da próxima edição. Até lá.

São Paulo, 30 de junho de 2011
Fernando Luis Costa Lemos